Apoio

Realização

Governo do Estado do Ceará
Secretaria da Educação

Coleção Mais PAIC
Mais Literatura

Este livro integra a Coleção Juvenil **MAIS PAIC MAIS LITERATURA**, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 8° e 9° anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: *http://www.paic.seduc.ce.gov.br*

ISBN 978-85-8171-238-3

VENDA PROIBIDA

Fabiana Guimarães
*Ilustrações* Daniel Dias

# Descobrindo o amor com os olhos da alma

MAISPAIC

Governo do Estado do Ceará
Secretaria da Educação

COLEÇÃO MAISPAIC
MAIS LITERATURA

Fabiana Guimarães
*Ilustrações* Daniel Dias

# Descobrindo o amor com os olhos da alma

MAISPAIC
GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria da Educação*

Fortaleza • Ceará

**Copyright © 2018 Fabiana Guimarães**
**Copyright © 2018 Daniel Dias**

*Governador*
**Camilo Sobreira de Santana**

*Vice-Governadora*
**Maria Izolda Cela de Arruda Coelho**

*Secretário da Educação*
**Rogers Vasconcelos Mendes**

*Secretária-Executiva da Educação*
**Rita de Cássia Tavares Colares**

*Coordenador de Cooperação com os Municípios (COPEM)*
**Márcio Pereira de Brito**

*Orientadora da Célula de Apoio à Gestão Municipal*
**Gilgleane Silva do Carmo**

*Orientador da Célula de Fortalecimento da Aprendizagem*
**Idelson de Almeida Paiva Júnior**

*Orientadora da Célula do Ensino Fundamental II*
**Ana Gardennya Linard Sírio Oliveira**

*Coordenação Editorial, Preparação de Originais e Revisão*
**Kelsen Bravos**

*Projeto e Coordenação Gráfica*
**Daniel Dias**

*Design Gráfico*
**Emanuel Oliveira**
**Eduardo Azevedo**

*Revisão Final*
**Marta Maria Braide Lima**
**Sammya Santos Araújo**

*Conselho Editorial*
**Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda**
**Sammya Santos Araújo**
**Antônio Élder Monteiro de Sales**
**Sandra Maria Silva Leite**
**Antônia Varele da Silva Gama**

*Catalogação e Normalização*
**Gabriela Alves Gomes**

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*

G963f Guimarães, Fabiana.

Descobrindo o amor com os olhos da alma / Fabiana Guimarães; ilustrações de Daniel Dias. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

48. il.

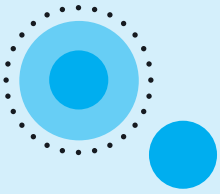
ISBN 978-85-8171-238-3

1. Literatura infantojuvenil. I. Dias, Daniel. II. Título.

CDU 028.5

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria da Educação*

**SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará**
Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambeba
Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325
(Todos os Direitos Reservados)



*Aos que tocam o amor com os olhos da alma...*

# SUMÁRIO

Estações da infância ..... 9

Primeira estação ..... 13

Segunda estação ..... 15

Terceira estação ..... 17

Quarta estação ..... 19

Quinta estação ..... 23

Sexta estação ..... 27

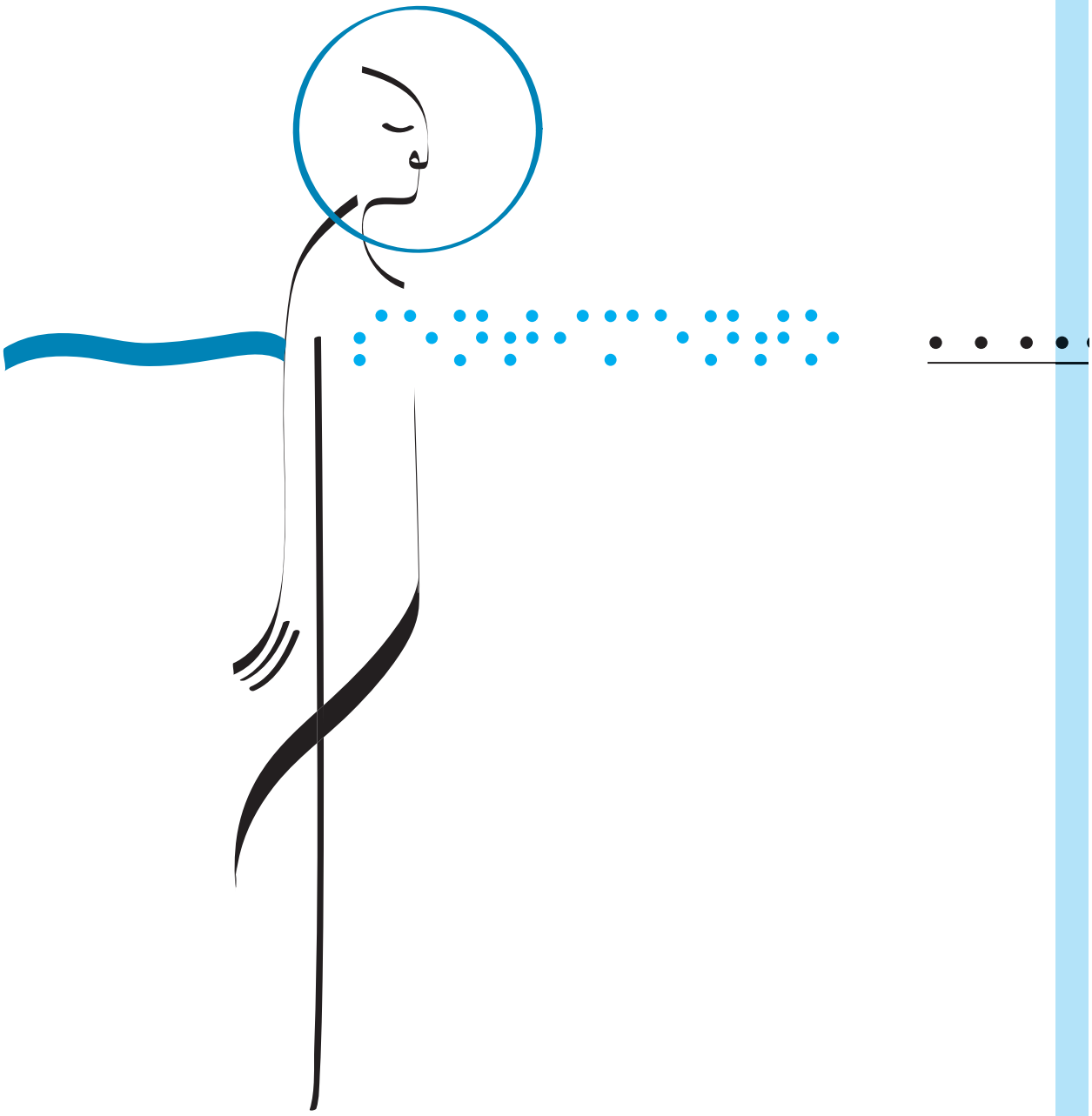
O último apito ..... 33

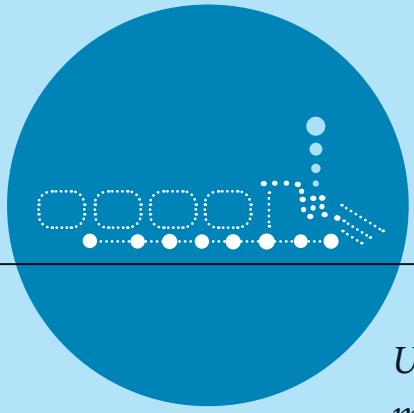
Verão ..... 35

O outono ..... 38

O inverno ..... 41

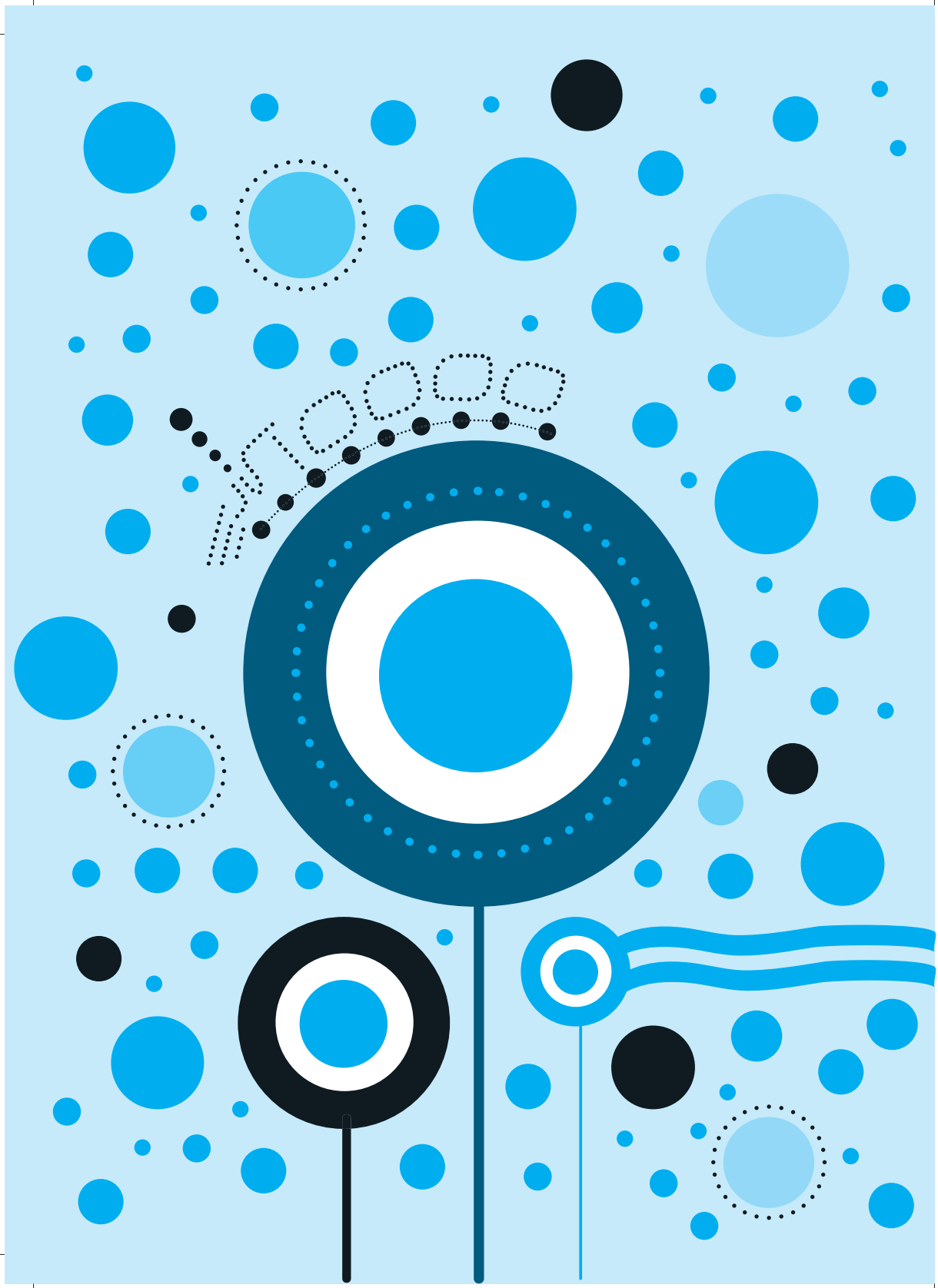
A primavera ..... 43





*Um trem-de-ferro é uma coisa*
*mecânica, mas atravessa a noite,*
*a madrugada, o dia, atravessou*
*minha vida, virou só sentimento.*

Adélia Prado



# Estações da infância

Abrindo clareira na mata, majestosamente, o apito do trem irrompe a madrugada.

Na escuridão dos lampiões apagados, a cidade espera. Sempre espera. A "maria-fumaça" transporta luz na fornalha. Chega acendendo vida nas estações. Os que dormem, nos bancos duros e envelhecidos, despertam sobressaltados com o grito do trem.

Ele chega e parte.

Leva e traz alegrias, saudades, encontros e partidas...

Despedidas.

Segue adiante na infinita estrada traçada nos trilhos de ferro.

Entre abismos confirma os passos.

Na estação das Mangabeiras, dentro dos braços do pai, uma menina dorme e sonha:

Ela é a maquinista.

O trem é azul clarinho da cor do céu.

Porém, tem um vagão amarelo da cor do sol.

A fumaça mistura-se com a névoa. Pinta de algodão a madrugada fria. Formando imagens voadoras que desaparecem no ar, feito bolas de sabão: um cavalo branco, um carrossel, um pássaro... coisas, seres.... A menina voa, voa... borboleta nos ares.

O trem chega. Em sobressaltos ela acorda. Aterrissa. Entre sonho e realidade escuta, na fumaça da lembrança, o último apito.

O tempo escorrido entre os dedos, desvela a existência.

Pilar recorda as estações da infância. Época em que a vida tinha trilhos entre abismos... Os braços do pai, longos e fortes, aqueciam a madrugada.

Frutos maduros enchem os cestos das safras, exalando perfumes dentro dos vagões. Jacas esparramadas em amarelo encobriam, no chão, o tempo pisado sobre ele.

Nos pés de dona Alice, em sacolas de palha, galinhas cacarejam. Patos grasnam.

Capotes, entalados pela embira amarrada perto do pescoço, davam gritinhos. Perus de tão assustados emudeciam.

No seu colo, dentro de um cesto, redondo e acolchoado, carregados tal porcelana fina, ovos caipira. Os melhores da feira!

— Hoje vai carregadinha, hein, dona Alice?

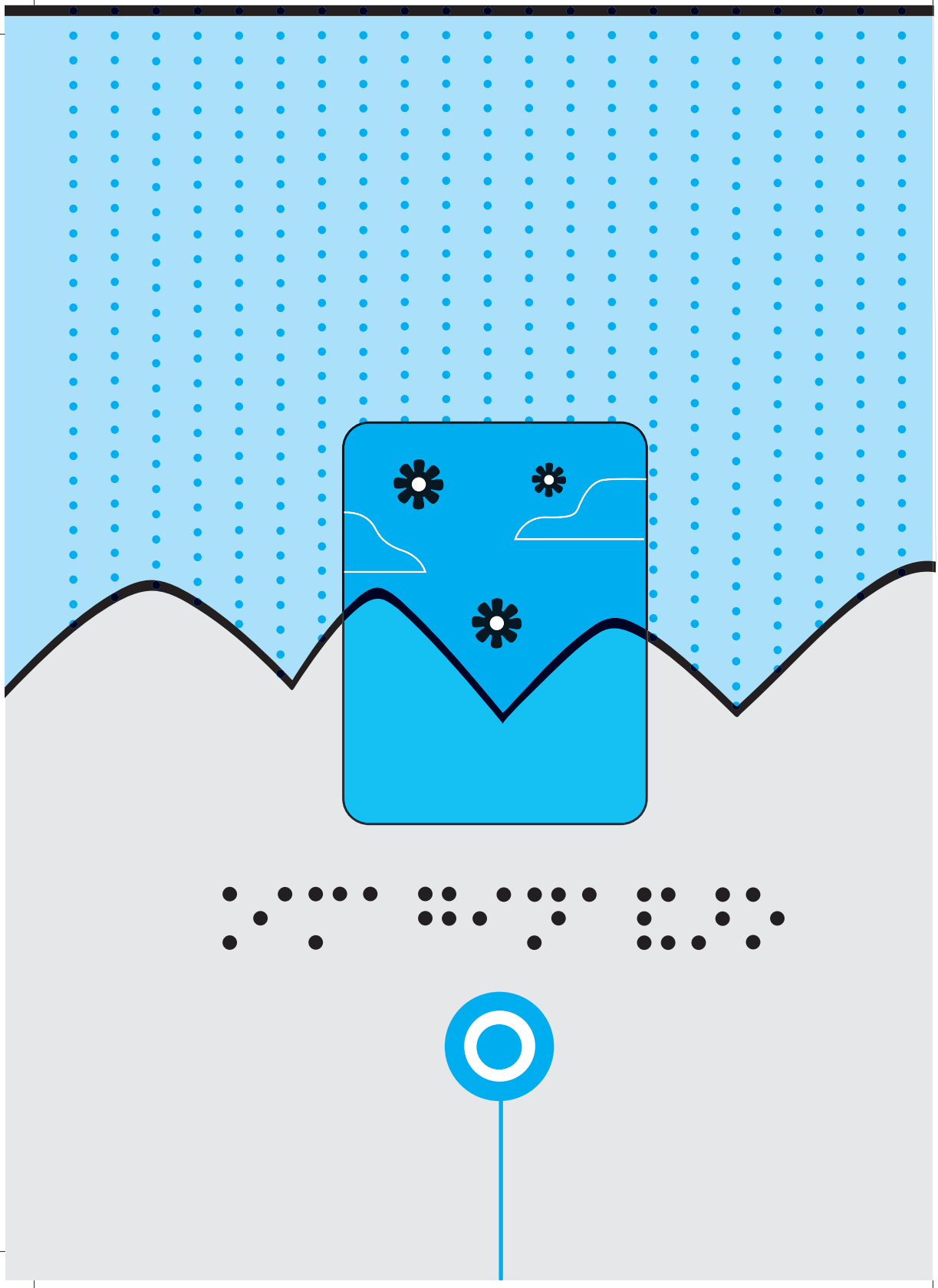
— Graças a Deus, seu Cutia.

— E os ovos?... tão a quanto?

— Três por um conto.

— Tá no preço. Depois passo lá. Desço agorinha na estação do Córrego. Inté, dona Alice.

— Inté... seu Cutia.



# Primeira estação

Dentro da névoa, vindo do sertão, o trem segue circulando o paredão de pedra da serra, riscando o rumo até descê-la e alcançar a maresia.

A janela traz paisagens. Tela de cinema oferece à Pilar a vida de outros lugares.

Ela se envolve...

Penetra...

Olha...

Prova...

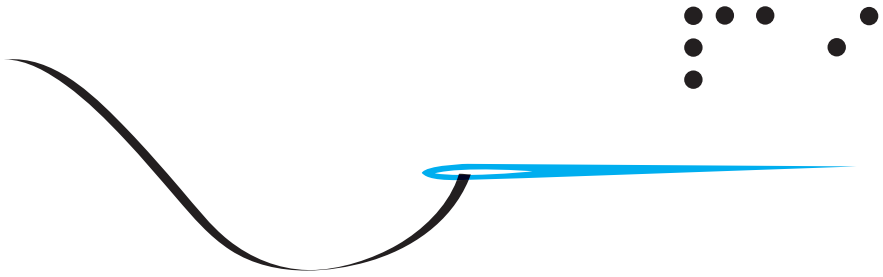
Imagina coisas, seres...

Imagina-se uma Pilar diferente, tendo outras histórias:

*Se eu tivesse nascido aqui na serra, teria bochechas rosadas de frio, iguais as dessa menina que acabou de subir?*

Espelhada no vidro da janela, vê o rosado nas bochechas. Feliz sorrir para ela mesma.

*Como seria bom acordar entre neblinas e ver – através da janela do quarto – um mar de névoas sobre montanhas. Tomar banho de cachoeira todos os dias. É o meu sonho! Mas... os agasalhos? Ah! já sei: eu e minha mãe aprenderíamos a fazer tricô e crochê. Quanto à linha, só a linha, meu pai dava um jeito de comprar.*



# Segunda estação

Em cada parada uma surpresa!

Os olhos de Pilar, acesos na Estação do Córrego, pintam-se com a imagem das lavadeiras, entrando com enormes trouxas na cabeça, iguais a balões prontos para subir ao céu.

Um cheirinho de roupa lavada invade o vagão e as lembranças de Pilar:

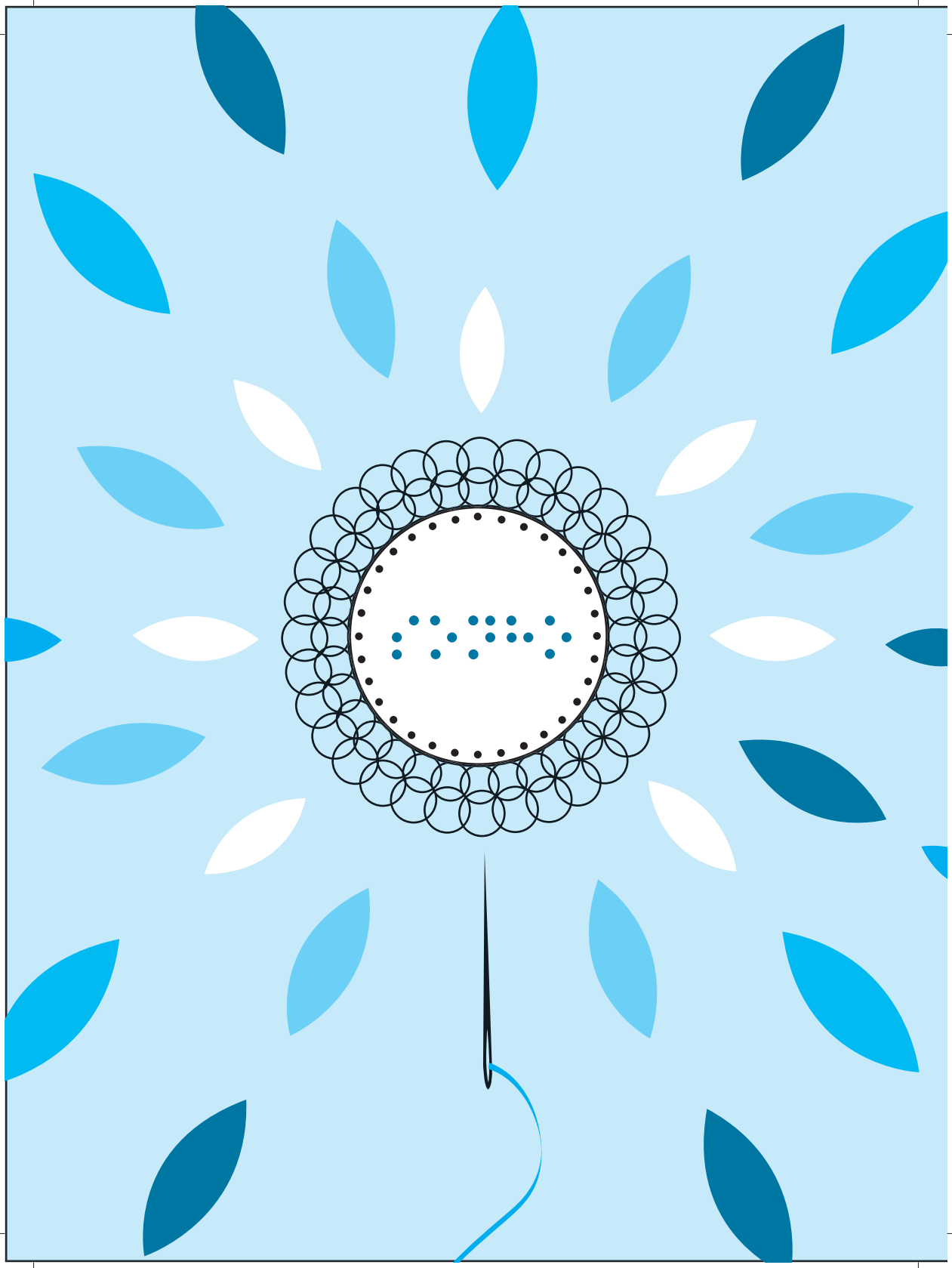
A enchente do córrego;

O dia de sol depois da enxurrada;

O varal ao vento, como se de bandeiras coloridas fosse;

O canto dos galos na madrugada após os trovões...

A menina se imagina lavadeira... trouxa na cabeça subindo no trem; na estação, sendo avistada de longeeeeeeeeee, pelo maquinista; no rio lavando as roupas e cheiro bom de sabão solto no vento.



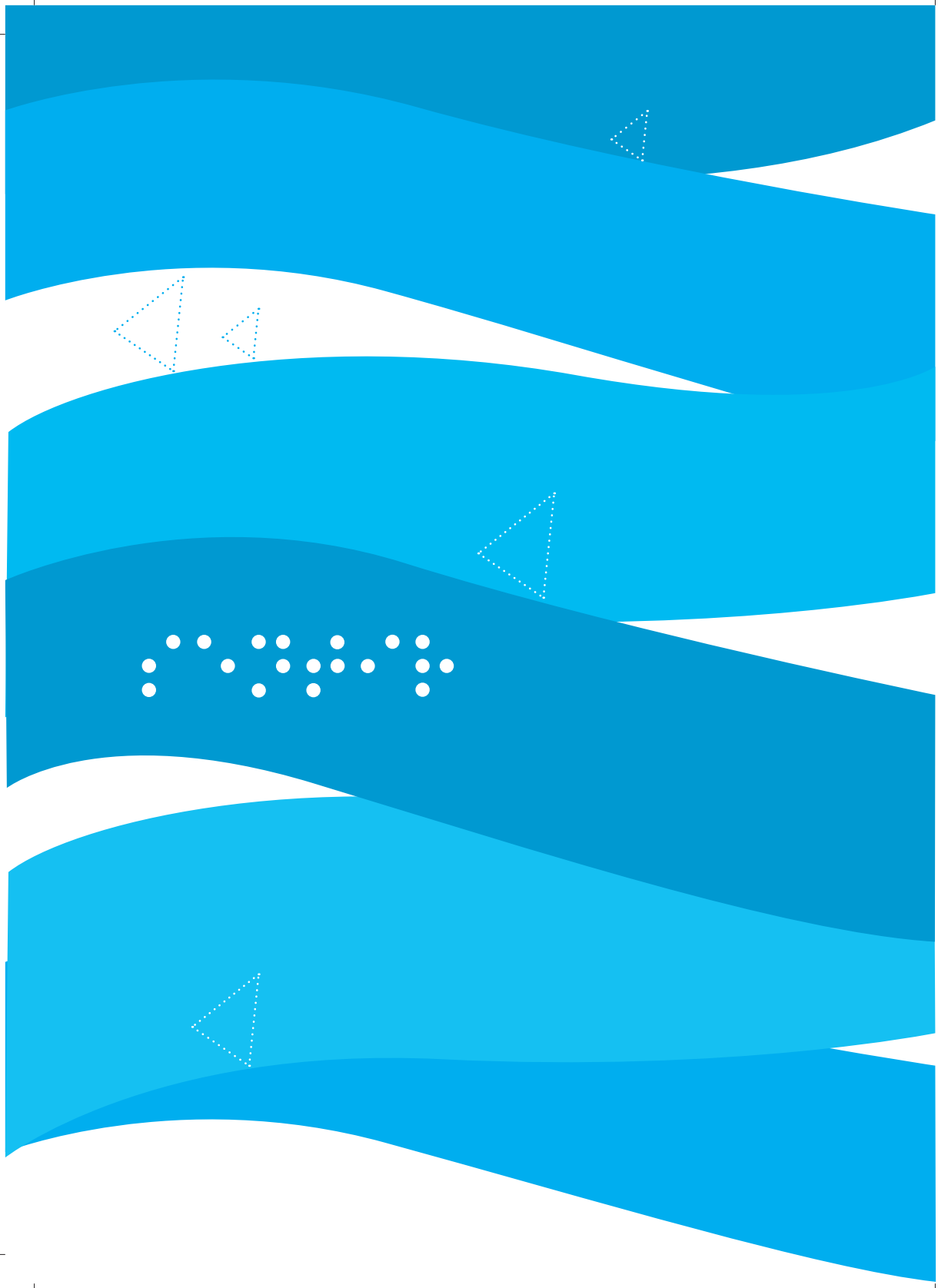
# Terceira estação

Sobem mulheres com sacolas cheias de peças de tecidos e de linhas. Os olhos da menina, curiosos, buscam alcançar os detalhes daquele rendado colorido. Borda, no coração, o desejo de ser filha de uma artesã... assim, ela e as bonecas teriam vestidos bordados, enfeitados de rendas e labirintos.

Imagina-se, também, rodeada de panos, linhas, agulhas, almofadas, bilros...

Em meio à algazarra de gente e bicho, fiou um sonho feito de linhas multicores.

As lavadeiras têm viagem curta. Deixam o trem e dão lugar aos vendedores de ervas. Na última estação da serra, elas descem, eles sobem. Grandes cestos cheios com mastruz, aroeira, eucalipto, capim santo, cidreira, alfavaca... perfumam os ares. Aromas se confundem numa mistura refrescante e salutar.



# Quarta estação

Pressentindo o mar, e já farejando peixes, camarões, lagostas, do pé da serra, o trem segue alargando passos sobre os trilhos.

Pilar avista o menino na cadeira ao lado.

Em silêncio, ele vê o filme exibido pela janela. O mesmo filme visto por Pilar, porém de forma diferente.

Ela o observa.

Ele pega no vento.

Prende-o... Solta-o... entre os dedos.

Recebe-o, na boca, fresco e fugaz.

*Que vento é este tão gostoso? – Quero também sentir o sabor de vento. Será que conseguirei pegar no vento igual a este menino?* Reflete Pilar.

Intrigada, fecha os olhos e começa a experimentar.

Sente o cheiro do mar. Prova o sabor da maresia. Percebe o trem seguindo e se aproximando da es-

tação onde sobem pescadores. Penetra mais e mais naquela vivência. Reconhece o mundo de olhos fechados. Aguça os sentidos e segue em uma viagem de conquistas...

Com o rabo do olho, brecha o menino.

Ele sorrir para o vento, degustando o mar.

Ela deseja ficar íntima daquela forma de ver o mundo.

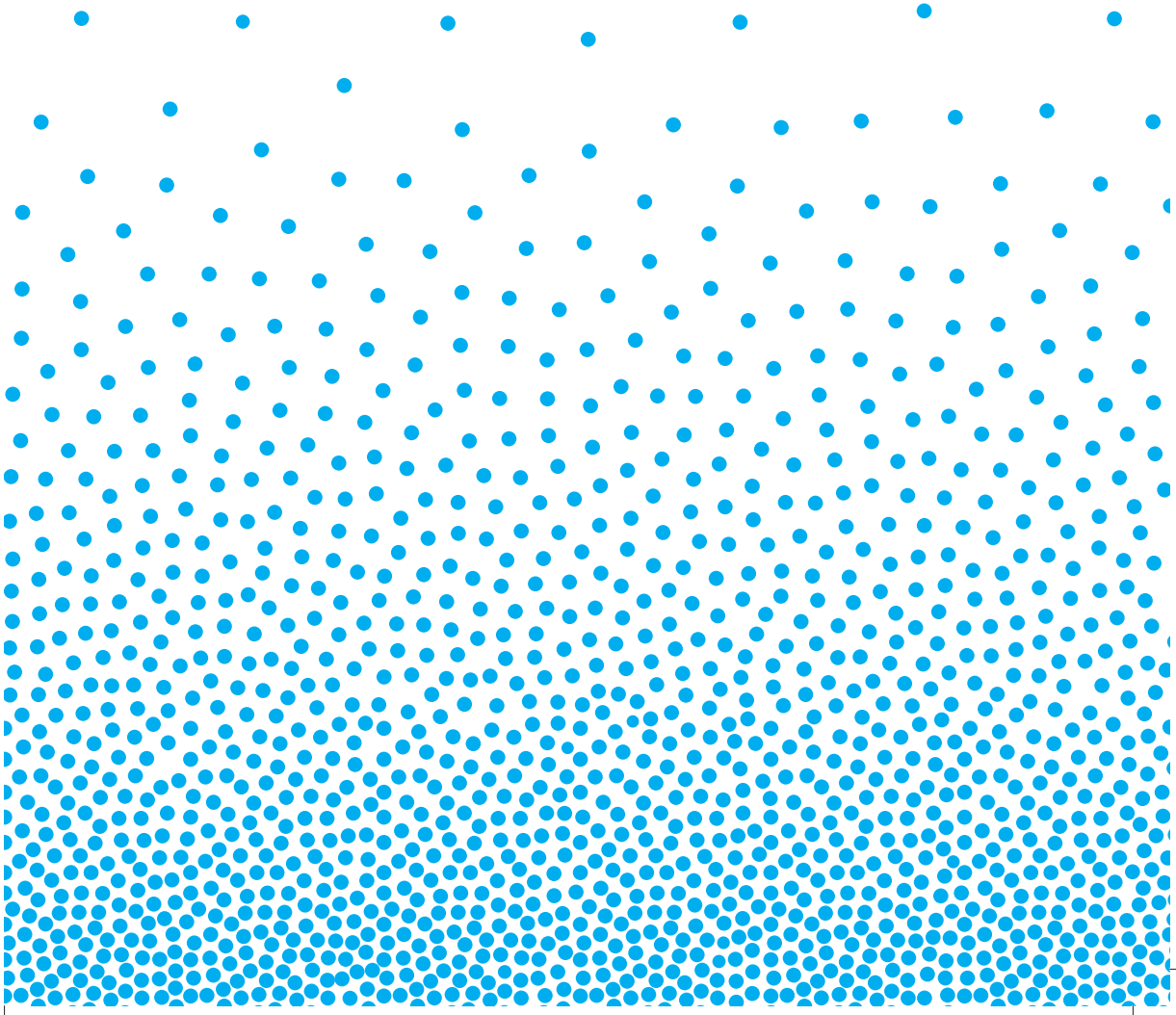
*Quero comer pelo vento o gosto das coisas.*

Escuta a mãe lhe chamar de Pedro. Saber o nome dele, a faz mais próxima. Deseja conversar com ele.

O trem para.

O cheiro forte dos peixes confirma: é a estação da Praia Branca.

Os pescadores colorem o trem com cheiros e formas, estampando de mar os vagões. Pilar não resiste a tanta beleza. Certamente, Pedro também não resistiria! Agradecendo a dádiva de possuí-la, os olhos lacrimejam, transbordando de felicidade.



Pedro, boca cheia de riso e maresia, é pura alegria!

*Será que ele tem olhos nas mãos e na boca?*

*Quero também aprender a descobrir o mundo assim.*

Fecha novamente os olhos.

Engole a deslumbrante paisagem.

Deseja compartilhar com Pedro a forma de vê-la.

Solidária a ele, segue de olhos fechados.

Dentro deles, o mar acordado reverbera.

# Quinta estação

Pilar nasceu em um lugar sem mar, nem montanha nem sertão. Lugar de avistamentos.

De longe, se avistavam os morros do mar que se avizinhavam da sua aldeia. Brancos, embalsamados de areias.

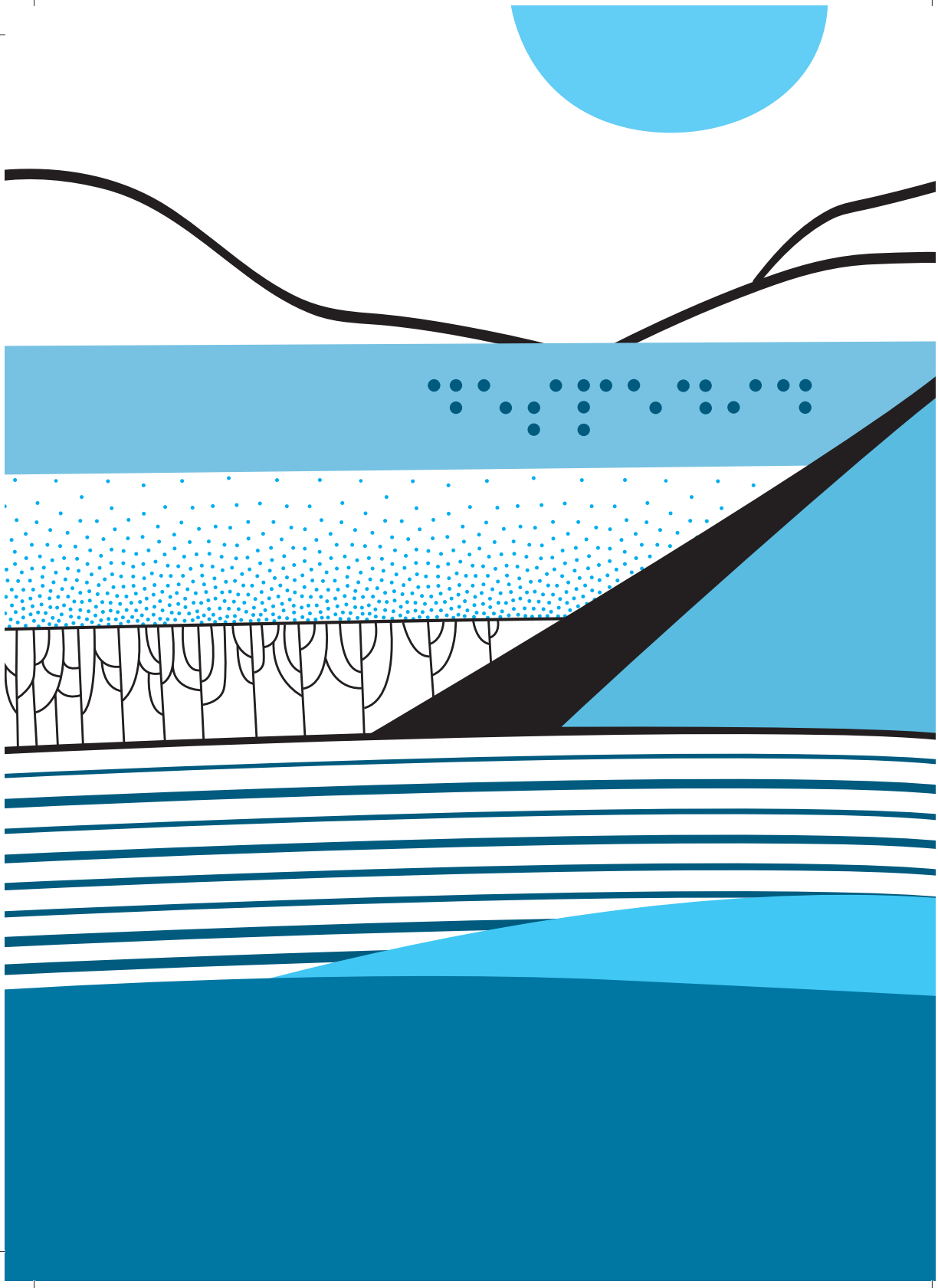
De longe, a ponta da serra. Quase uma miragem.

Do sertão, só notícias em jornais e televisão.

No seu lugar, só o rio podia ser vivenciado. Dele conhecia os mistérios, as marés, os frutos... Das ribeiras, sabia contar histórias. Nelas se embrenhava procurando caranguejos, ostras, tesoureiros... Pés atolados na lama do mangue ganhavam botas pretas exibidas com orgulho. Com o jereré, na mão, as desfazia, quando entrava no rio, para pescar siris.

O seu lugar conhecia muito bem. Queria conhecer os outros lugares.

*Como seria se tivesse nascido em um deles?* – sonhava, sonhava com eles...



Olhos fechados. Pegava com mais intimidade na imaginação. Viu-se então correndo sobre dunas para esperar o pai que chegava em uma jangada. O forte vento assobiava em seus cabelos, espalhando os cachos no seu rosto. Era bom ser filha do mar, expandir-se nas as areias, velejar o infinito...

Abriu os olhos. O mar ficava para trás. O trem seguia viagem rumo ao sertão, perfumando o caminho de maresia.

Invisível para Pedro, dunas... muitas dunas formavam um paredão de despedida. Era tão lindo! Pilar desejou compartilhá-lo com ele.

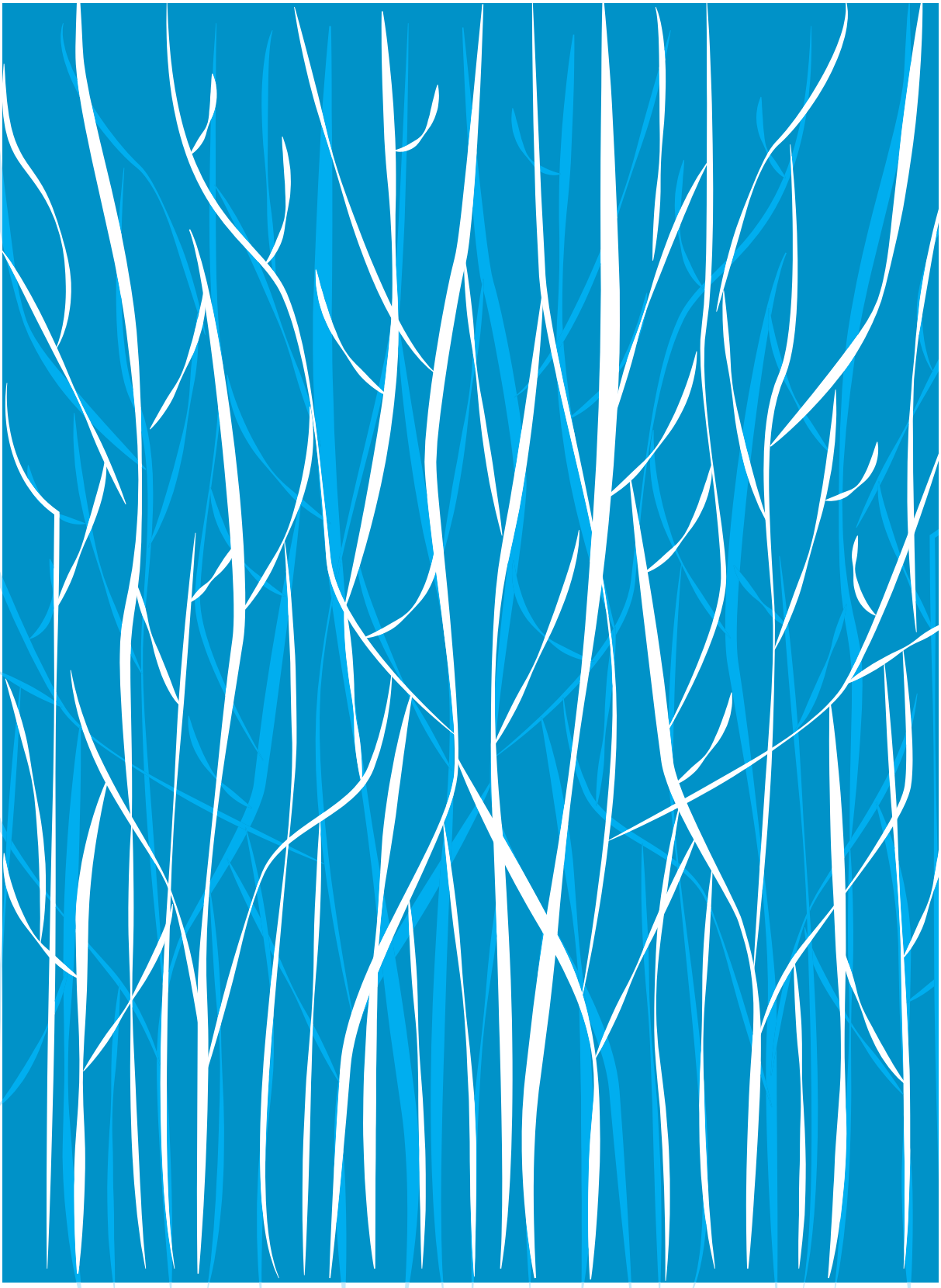
Aproximou-se do menino sem pedir licença. Ao pé do ouvido, ofereceu-lhe aquela imagem com o sopro das palavras:

— Ao seu lado esquerdo, Pedro, o mar se despede entre dunas.

Perplexo, o menino tateou o rosto daquela voz para conhecer sua doçura.

Sentiu carinho.

Tocou na beleza que ela oferecera.



# Sexta estação

Pedro afastou-se um pouco, de modo a permitir que Pilar seguisse viagem sentada ao seu lado.

A proximidade deu-lhe o cheiro, a textura da pele, o ritmo da respiração, a melodia do coração da menina.

Surpreendida, ela se sentiu decifrada... Aquilo era novo para ela.

Comovida, ofereceu a Pedro os prenúncios do sertão, através da sua fala.

Cada imagem descrita, enchia de alegria os olhos opacos de Pedro, fazendo-o cheirar a alma das paisagens.

O ser...tão, grande de sol, abarrotava de brilho o corpo do trem, refletindo, na sua carcaça, as cores da caatinga. Pedro e Pilar, através do olhar um do outro, conheceram o sertão. Uma estranha novidade os incentivava a brincar de descobrir e decifrar os seus detalhes.

Cactos.

Espinhos.

Casas enganchadas entre os raios do sol.

O calor.

O espírito da luz entranhado nas rachaduras da terra.

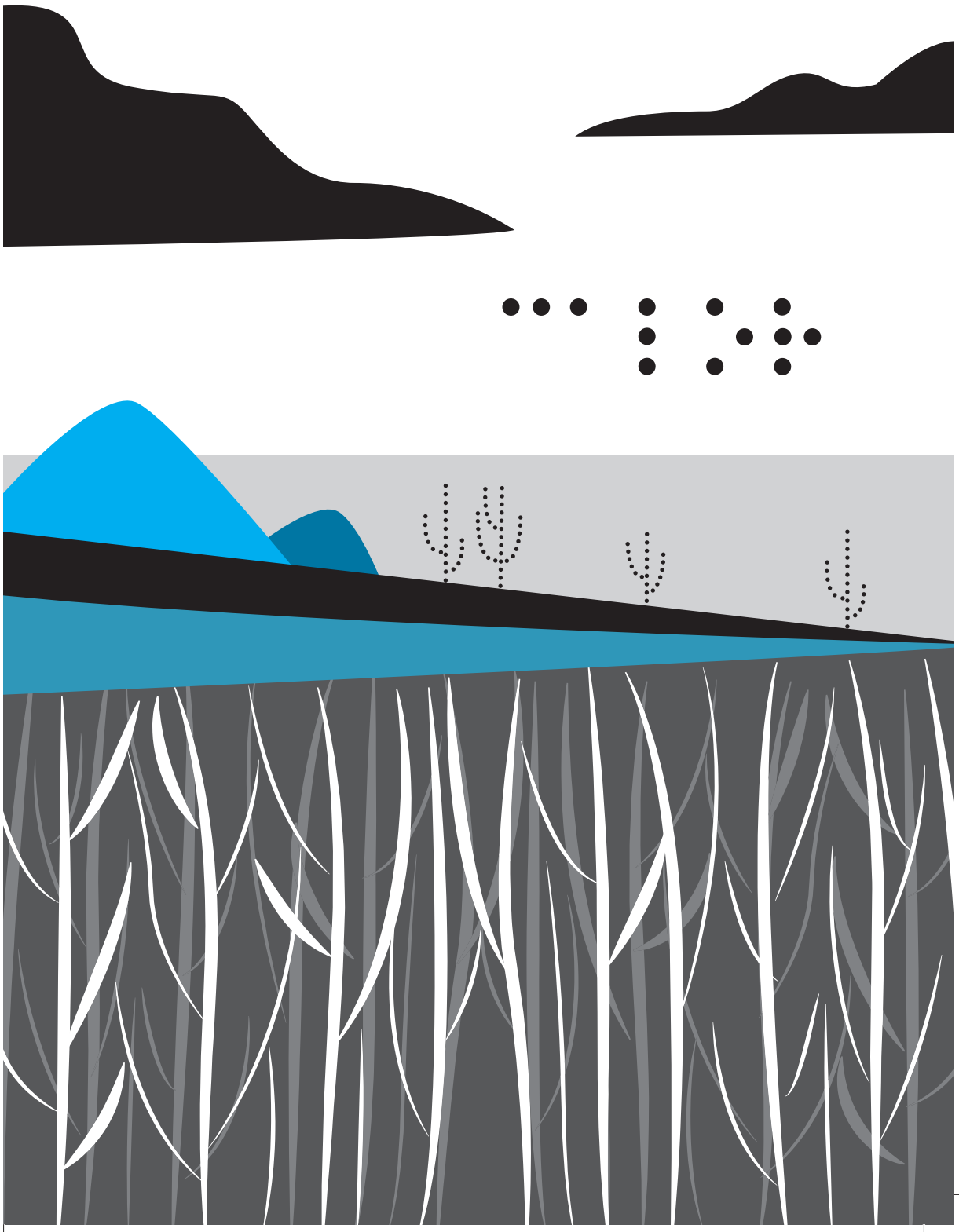
A sede devastando tudo.

Os suores e cheiros.

Enfim... a vida resistindo na verde beleza dos juazeiros...

Pilar e Pedro se imaginaram filhos do sertão, naquela viagem de infindas possibilidades.

O sertão trazia para dentro do trem: o cheiro bom dos queijos, das manteigas da terra, dos leites espumantes, transportados dentro de grandes bules de bom alumínio; o odor dos currais com as crias, cheirando a leite mugido e do estrume, esperando as sementes e a chuva para aninhar a vida nova; a sonoridade do berro das cabras, do mugido dos bois e do relinchar dos cavalos. A cor do crepúsculo, avizinhada da cor do sangue, singrava o céu.



O sertão pulsava nos olhos de Pilar, instigando o coração de Pedro. Eles salivavam beleza, encantando os sentidos comovidos.

Na estação de Guarabira, a maria-fumaça ardia dentro e fora da fornalha se derretendo em suores iguais aos vaqueiros que apearam dos cavalos, dando-lhes um pequeno descanso e adentraram nos vagões. Destino: fazer compras na feira de outras cidades.

O cheiro forte do couro do gibão dos vagueiros causou enjoo em Pedro, ao mesmo tempo em que o fez lembrar do curtume do avô: norteado pelo forte odor, alcançava a porta da entrada. Com a ponta dos dedos, descobria a textura e a origem de cada um dos couros em processo de curtição.

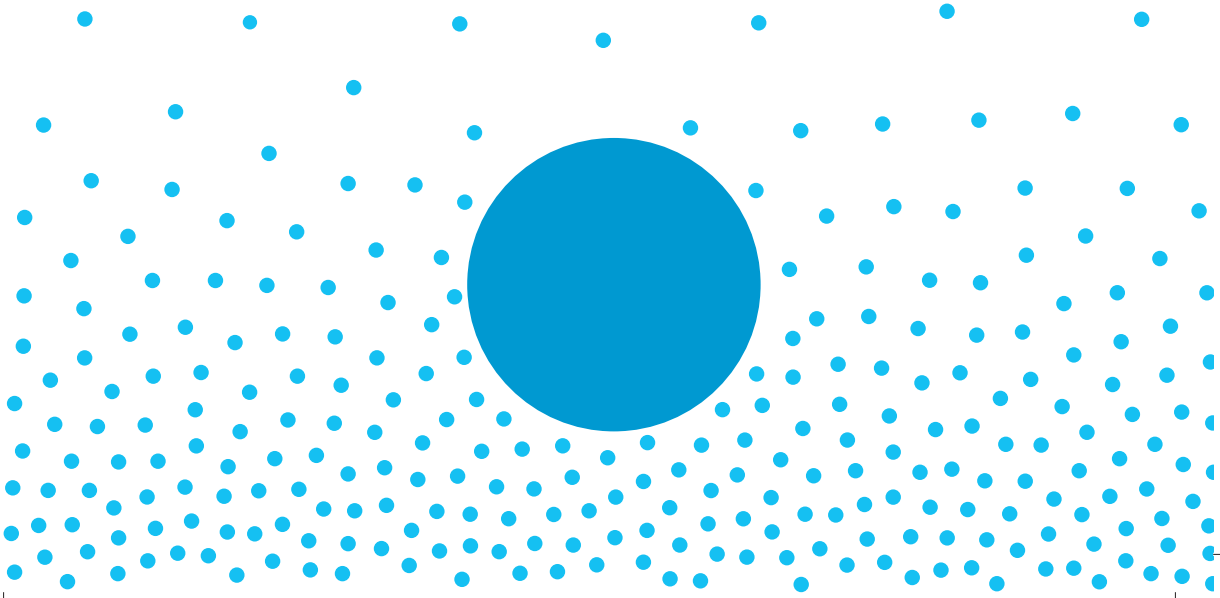
Pilar viu o rosto de Pedro escorrendo. Enxugou-o, carinhosamente, com o lençol da boneca de pano, comprada na feira pelo pai. Pedro sorriu aliviado e agradeceu-lhe.

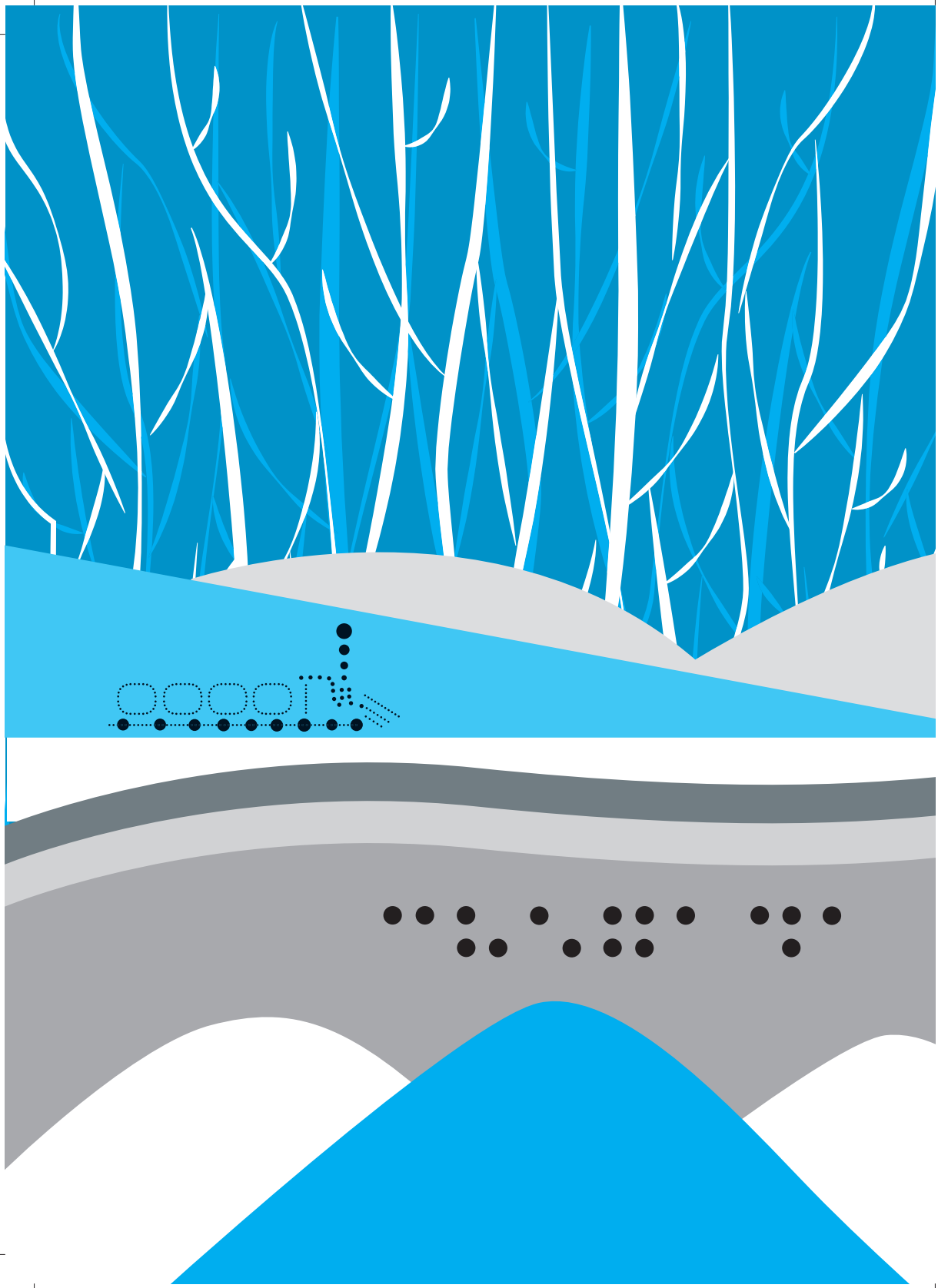
O toque da menina o cativou.

Ele sentiu a luz da amizade, por meio de um fio transparente, que os unia e que apenas ele podia vislumbrar.

A noite sertaneja, aos poucos, ancorava dentro do trem, trazendo para a tela de suas janelas um mar cintilante de estrelas. Pingos de luz clareavam a negra paisagem e reluziam nos olhos dos passageiros. Pilar, a passageira mais atenta, mergulhava naquele oceano iluminado. Assim, pôde pintar para Pedro, com doce voz, cada uma das suas minúcias.

A noite seguiu madrugada adentro, fazendo o trem deslizar em seu manto e adormecer na penumbra.





# O último apito

O trem fez muitas vezes a mesma viagem, entoando o apito entre montanhas, dunas e a caatinga. A melodia, na cadência dos trilhos – incansavelmente – levava e trazia o cântico da vida, acesa na lenha que ardia na fornalha.

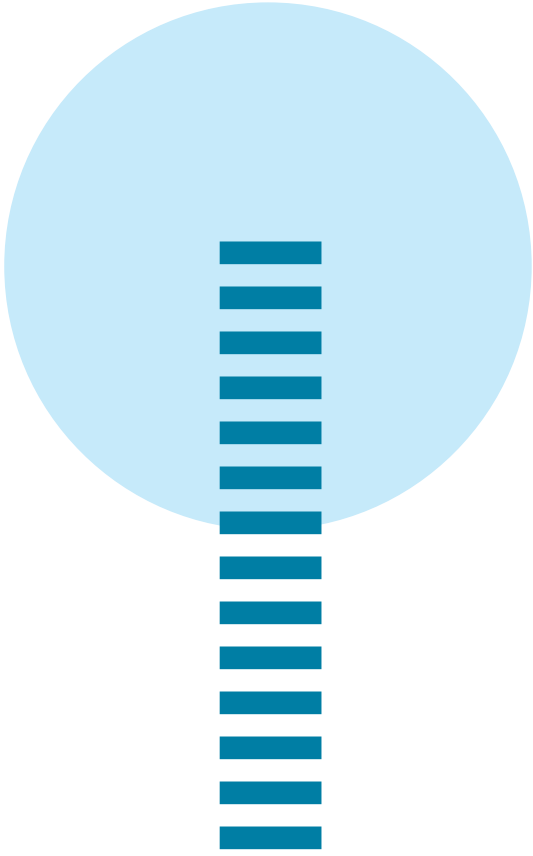
A vida cresceu entre os dormentes, pernas de liberdade! Daquele encontro, Pedro e Pilar avistaram outros rumos e juntos escutaram o último apito do trem, majestosamente, irrompendo na manhã e despertando o tempo presente.

Acordam. Enxergam-se crescidos.

A viagem os trouxe um para o outro até aquela estação.

O trem silenciou, para sempre, o apito entre dunas e montanhas, nas entranhas do sertão. Na lembrança, eternizou o corpo de ferro em uma estrada infinita de afetos.

Dele, só o vulto. Um fantasma pairando sobre a ferrugem dos trilhos e a solidão das estações, esquecidas no meio do mato. A saudade viva movimenta seu espírito no coração dos que viajaram dentro daquele corpo de emoções.



# Verão

Pedro e Pilar continuaram a viagem fora do trem...

No parque, no pátio da escola, na pracinha da cidade, na varanda, no quintal... no jardim, entre as roseiras e os jasmins, eles reconheciam os perfumes. Ela de olhos fechados. Ele de olhos abertos. O tato avançava o limite das cores não vistas, alcançando o perfume exato, intuído pelo coração.

Meses depois, Pedro, com a família, mudaram-se para o mesmo lugarejo de Pilar, duas ruas da casa dela.

O reencontro se deu na pracinha.

Sábado.

Sol se despedia.

Cheiro de pipoca e de algodão doce se espalhava no ar.

Ao vê-lo, na fila da pipoca, Pilar por já saber da sua sensibilidade, silenciosamente se aproximou. Soprou-lhe no ouvido e colocou a mão sobre a dele.

Ele de pronto a reconheceu.

— Pilar, Pilar?! Inconfundível Pilar! Procurei você em todos os lugares, desde o dia quando nos despedimos no trem. Lembra? A partir desse momento, sempre ansioso, eu era todo atenção: aos rumores e ruídos; aos mais variados cheiros; à respiração das pessoas. Ah! Pilar! Tudo isso, no desejo de que uma delas fosse você.

— Eu também, Pedro. Esse era meu maior sonho! Por onde andei, tinha olhos bem acesos para distinguir seu rosto entre tantos passados por mim.

Dentro de um abraço cheio de saudade, os dois, pipocaram de alegria!

Dali em diante, a vida juntou seus caminhos. Traçou suas vivências. Trançou seus destinos.

Moravam no mesmo bairro. Estudavam na mesma escola. Brincavam na mesma praça...

Compartilhavam livros, cadernos, lápis, bicicleta, o céu e as estrelas, o sol e os jardins, os perfumes, o voo dos pássaros, o crepúsculo, os dias de chuva, o rio... a vida...

Encantavam-se com as descobertas.

Cresciam juntos.

Aprendiam, cada vez mais, a melhor forma de olhar as coisas com a ponta dos dedos... no toque da tez.

Dos macios tomates, o vermelho.

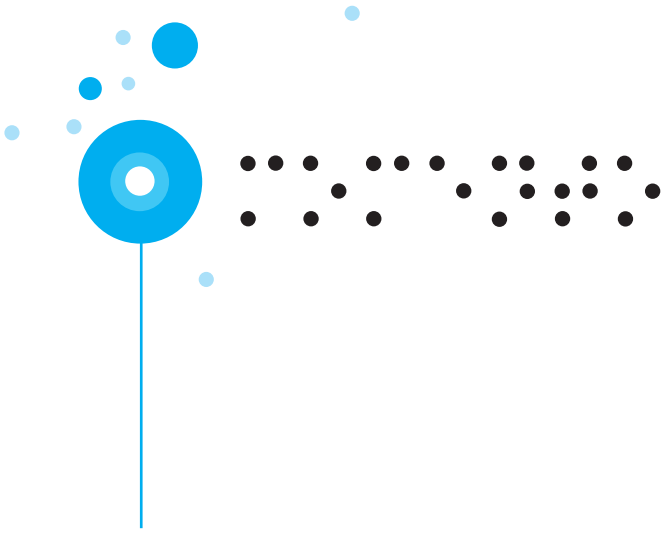
Do ácido abacaxi, a aspereza.

Do fogo, o calor.

Da leveza do algodão, a lisura.

Do verde das ervas, o perfume...

Horas e horas... dias e dias...a vida inteira, esse aprendizado, em cada ação do cotidiano. O que antes era estranhamento, tornou-se uma natural vivência de cada momento.



# O outono

Domingo de junho. Havia sol e prenúncio de lua.

O vento fazia festa, espalhando as folhas caídas das árvores.

Na praça, onde antes brincavam, um olhar. Um toque diferente.

Corações dispararam!

Mão, sobre mão, numa carícia distinta do antigo costume.

Um deslizar de afagos no contorno dos lábios, na forma dos olhos, na ponta dos dedos...

A boca molhada chamou.... o primeiro beijo!

Suave tal a pele dos cajus, porém sem ranço. Somente a doçura de seriguelas dava gosto a ele.

No mais, suores escorriam, banhando todo o corpo.

Lembranças das manhãs de maio invadiram o coração de Pilar. Encantava-se com o mês das flores, das noivas, dos orvalhos.

Segurando na mão de Pedro, o levou até os balanços. Escolheu um de cor rosa.

— Pedro, imagine a cor deste sentimento que está nos invadindo. Este balanço tem esta cor.

Ele, por medo, nunca aceitara aquele convite. Ali segurou firme nas cordas laterais e imaginou ondas rosadas  pintado os ares.

Entregou-se nas mãos da amada.

Tinham a leveza de asas.

O faziam voar, voar...

O ar fresco lambia-lhe o rosto, soprava seus negros cabelos e fazia o amor pousar firme no seu coração.

Era um sentir diferente de tudo.

Uma vontade de ficar mais perto.

De tocar mais forte. De abraçar e abraçar.

De beijar muitas vezes.

Rosto no rosto.

Mãos unidas. Dedo entre dedo.

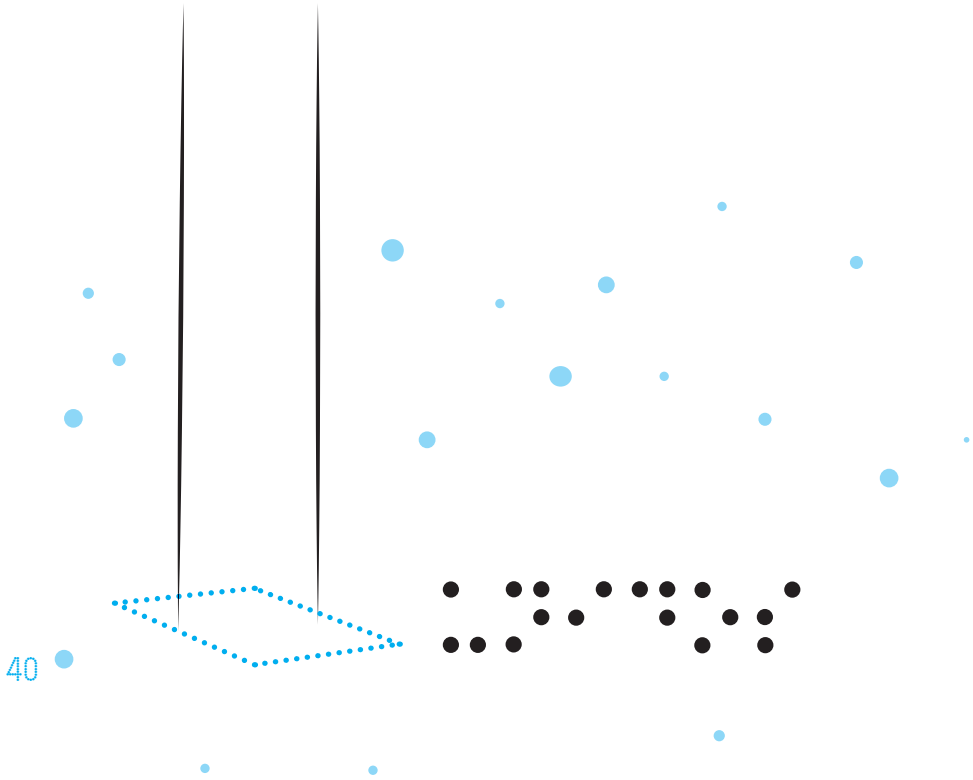
O mundo parou!

A lua alta fez lembrar a teimosia do relógio em labutar com seus incansáveis ponteiros.

Pedro escutou o coração de Pilar bater receoso e perguntou:

— O que você teme, Pilar?

— Nossos pais devem estar preocupados. Perdemos a hora de voltar. Já é noite.



# O inverno

Na escola havia pessoas tão cegas que zombavam de Pedro e criticavam Pilar:

— Namorar menino assim?

— Eu hein!

— Um ceguinho desses.

Sempre que isso acontecia, Pedro dizia a Pilar:

— Deixe pra lá. Eles falam isso porque não vislumbram a alma das coisas. São poucos os que conseguem.

Com o tempo, já não davam mais ouvidos a essas bobagens e seguiam sua senda.

Pedro mergulhava nas sutilezas de descortinar o mundo com a ponta dos dedos. Dando olhos a ele, Pilar ganhava outros sentidos.

Nos finais das tardes invernosas, quando o sol se misturava à chuva escondida nas nuvens e coloria o céu com estampas abstratas, eles passeavam pelos

campos renovados pelo verde. Pedro, montado na garupa da bicicleta de Pilar, abria os braços e a boca, bebendo e tocando nas fragrâncias que o inverno germinava na terra. O vento soprava trazendo toda a diversidade delas. Raízes, folhas, flores, madeiras... A terra perfumava com o inverno, renovava a vida!

Eles seguiam em uma amorosa viagem, cheia de novas estações.

O tempo cresceu entre o casal. Fez amadurecer os filhos nascidos e deles nascer alguns netos. Tingiu-lhes de branco os cabelos. Enrugou-lhes a pele. Curvou-lhes os ombros. Delongou-lhes os passos.

A maturidade lhes deu tanta sabedoria! Da natureza, captavam o mais sutil dos sinais: na chuva, no céu e no vento; nas plantas e animais; nas flores e perfumes do jardim e no trabalho das formigas e abelhas....

O amor entre eles ficou tão forte, que já não precisavam de palavras para se comunicarem, bastava  um simples toque... e a pele falava. Eles se pressentiam.

# A primavera

Pedro, começou a sentir as borboletas. Elas chegavam pé ante pé com os prenúncios da primavera. O som das asas feito cantilena, embalava-lhe os sonhos; o pólen, transportado por elas, perfumava os dias. Dias de pressentimento.

Sentado, no quintal entre ervas, flores e frutos. Pedro perguntou:

— *Você já consegue vê-las, Pilar?*

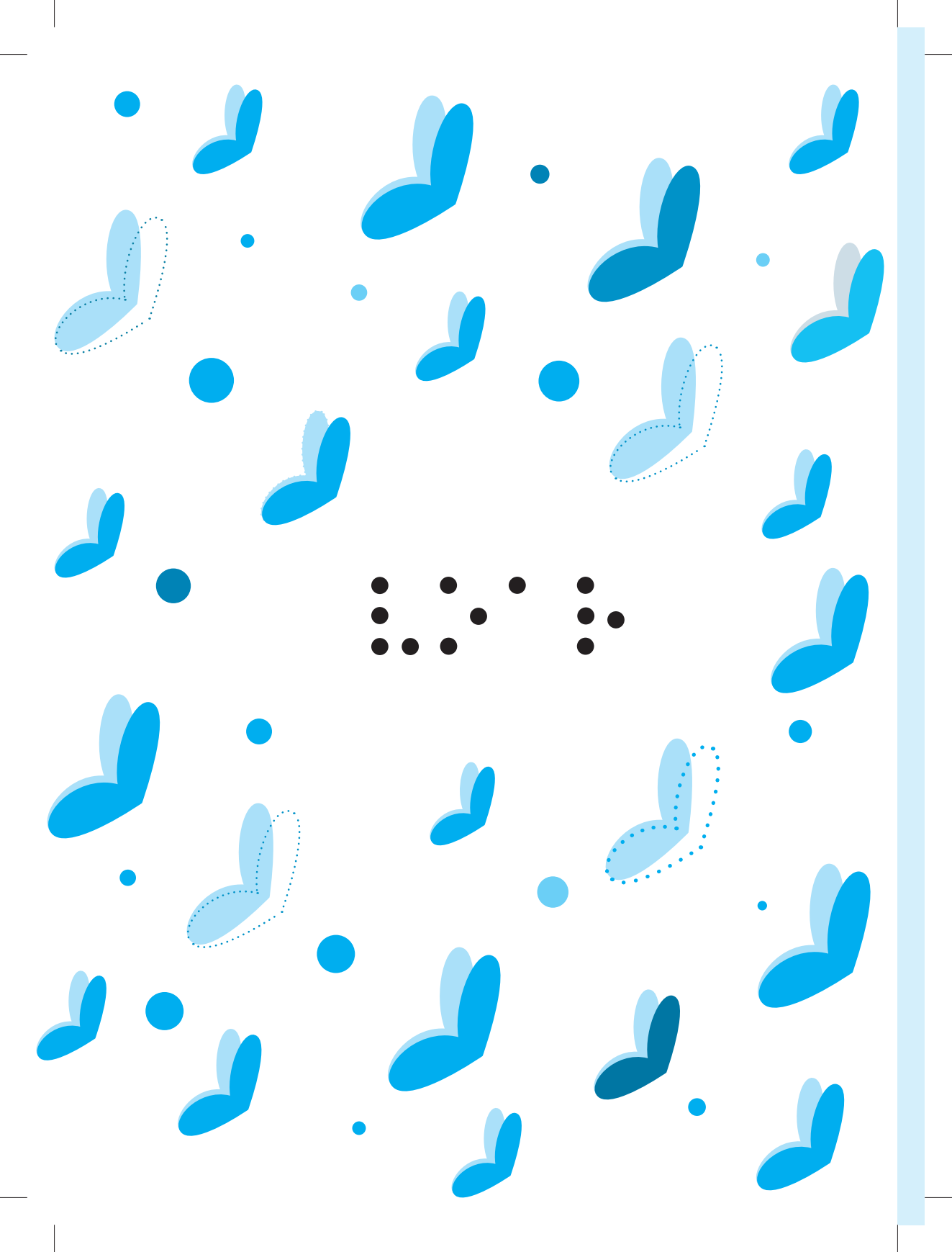
— *Quem, Pedro?*

— *As borboletas da primavera. Elas já começaram a chegar.*

— *Não, Pedro. Ainda não as vejo.*

Ele estranhou. Pilar sempre as via antes dele percebê-las.

Cismou! Aos poucos, chegou-lhe a compreensão de que, desta vez, elas desejavam surpreender Pilar. Acalmou o coração, em uma espera já prevista, desde o nascimento.



Depois os dois continuaram na cálida rotina diária. Afazeres comezinhos preenchiam os dias deles. Assim, a vida já desacelerava. Caminhavam devagarzinho dentro dela. Tudo era tecido com suavidade e cautela. Uma saudável parcimônia era adequada àquela idade.

Do café ao jantar, uma marcha clássica os conduzia em ritmo nupcial.

Certa noite de agosto, após o jantar, Pilar sentou-se na varanda para fazer crochê.

Na cadeira ao lado, Pedro dormiu ungido pelo luar.

Foi então que ela viu todas as borboletas.

Chegaram de uma só vez.

Brancas e iluminadas.

Tenras e ternas pousaram, tomando seu corpo inteiro.

Desta vez quis voar com elas.

Cadenciando os movimentos de Pilar, levaram-na dali numa revoada de luz.

Ao acordar, Pedro pressentiu sua ausência. Procurou-a pela casa toda, tateando, farejando... cada detalhe dela.

Solitário seguiu para cama. Lá, banhou de lágrimas o seu sono e todos os sonhos.

Ao despertar, a solidão lhe estrangulava a alma.

Vieram filhos, netos, parentes, amigos... Trouxeram suas comidas prediletas, o gato Amarildo, o papagaio Gibão, o cachorro Zé, rosas e jasmins, roupas de Pilar... Nada o consolava.

Ensimesmou-se.

Escutando pisadas passou dias a contar os passos dos transeuntes.

Aguçado ouvido, ao chegar à noite, repetia o número das pessoas que ali haviam passado.

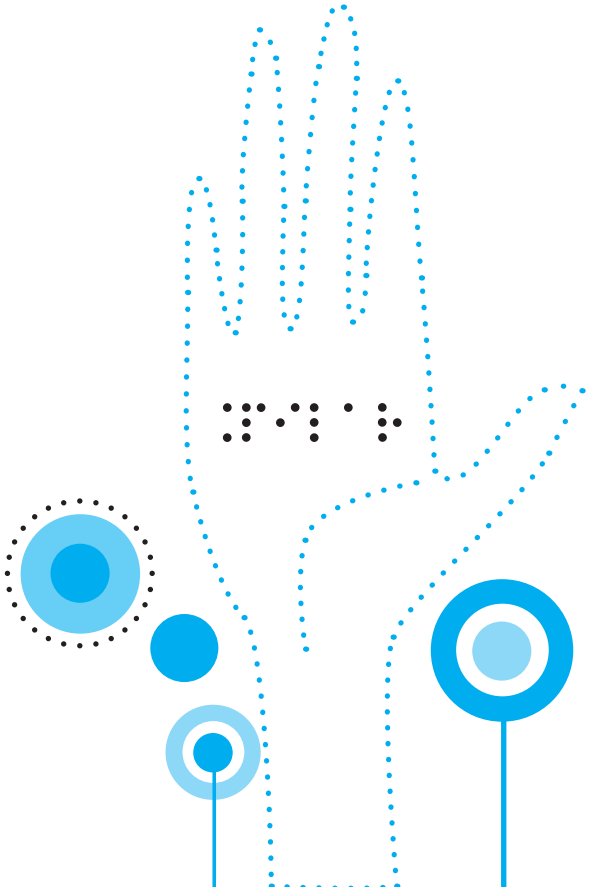
*Tudo mudou tanto. Ao chegar aqui eram tão poucos os pedestres desta estrada.. Agora para mais de cem por dia. Onde isso vai parar?* – dizia ele.

Dias se deram assim.

Ao findar agosto, na exata hora em que o sol sangra no céu, o crepúsculo e todos os sons do dia

se pronunciam sonolentos. De longe, Pedro avistou nitidamente a menina que um dia ele conhecera com a ponta dos dedos, dentro do trem, entre as ervas do quintal onde os dois costumavam ficar no fim das tardes.

Enfim, conheceu sua imagem. Enfim enxergou! Ela dançava entre sorrisos, a mesma dança feita no dia em que ele escutou um compasso diferente no coração e escreveu em braile, na palma da mão, os segredos do amor.



## Fabiana Guimarães

Sou Fabiana Guimarães, nasci em Eusébio-CE, onde tenho a alegria de morar até hoje. Escrevi muitos outros livros, dentre eles "O menino e o tempo", "A festa da muriçoca" e "A lagoa encantada". Neste quarto livro da coleção PAIC - Prosa e Poesia, convido-lhe a conhecer o amor de pertinho e com outro olhar...

## Daniel Dias

Sou Ilustrador e artista gráfico.
Nasci em Fortaleza - CE, no ano de 1976.
A maior parte da minha produção é destinada ao público infantil e infantojuvenil. Meu trabalho tem como base a pesquisa de materiais e estilos, envolvendo estudo de técnicas tradicionais de pintura, desenho, fotografia e colorização digital. Atualmente, trabalho em projetos editoriais de fomento à leitura e de acesso ao livro.